

DESAJUSTE E MELANCOLIA

Notas sobre *On the road*

Eduardo Canesin

AO FALARMOS DE *ON THE ROAD*, uma das obras mais conhecidas (talvez a mais famosa) de Jack Kerouac, devemos ter em conta dois fatos que não são muito conhecidos, mas que fornecem uma chave de leitura única para compreendermos a jornada da protagonista: 1) o eixo estruturante do texto se resume ao desajuste e à melancolia; 2) a obra faz parte de uma trilogia involuntária. Debrucemo-nos sobre tais aspectos:

On the Road é um livro peculiar. Até os dias de hoje trata-se de um best-seller respeitado. É, na acepção do crítico literário Alfonso Berardinelli, um best-seller não-intencional, pois não foi escrito visando tal finalidade, embora o autor não negasse que pretendia alcançar algum sucesso. Com efeito, em relatos posteriores, no fim de sua vida, Kerouac sempre frisou que não era um vagabundo autêntico: um vagabundo autêntico vagaria pelos EUA sem cessar e sem planos. Ele, por outro lado, tinha um plano claro, que era rodar os EUA com alguns amigos, passar um ano

(ou alguns) viajando, vivendo todas as aventuras que pudesse e, após isso, escrever sobre suas experiências. Objetivava, com isso, tornar-se um escritor respeitado e ganhar dinheiro com a venda dos seus romances, conseguindo relativo conforto na velhice.

A obra em questão foi escrita em 1951, mas só foi publicada (e após diversas alterações editoriais) em 1957. Rezam as lendas que o livro foi escrito em poucos dias, com o autor fazendo uso de alucinógenos para se manter alerta. Em seu êxtase criativo, ele colou as folhas de papel umas às outras, criando uma espécie de “rolo”, para não perder tempo substituindo as páginas na máquina de escrever. A prosa é espontânea, escrita em fluxo de consciência, sem se preocupar com pontuação, formalismo ou qualquer outra coisa que pudesse afetar o frenesi da escrita e afastar o holofote das situações apresentadas.

A história narrada é mais propriamente um relato de viagem do que um romance – talvez justamente por isso tenha se convertido num sucesso instantâneo e em uma espécie de bíblia para gerações de jovens (como os beats e os hippies), que queriam emular as aventuras vividas pelo autor. A promessa da história é, justamente, relatar as viagens e aventuras da protagonista, e tal promessa é cumprida à risca. Jack Kerouac de fato viajou pelos Estados Unidos, acompanhado do amigo Neal Cassady (e com companhias momentâneas de diversos outros camaradas). Nesta jornada abundaram drogas, relacionamentos e loucuras. Tudo isso é descrito e retratado pelo autor, que não tenta florear os eventos.

As qualidades do livro jamais foram estilísticas ou literárias, mas repousavam no caráter desbravador apresentado e na inovação do tema. Com efeito, apesar de a trama narrar uma aventura, está presente, a todo o momento, uma forte melancolia na história e nas personagens. Usam drogas, “ficam loucos”, cometem atos impulsivos, mas a todo momento tentam se esconder (ou fugir) da realidade cruel: são desajustados e não têm espaço no sonho americano de sucesso. Tampouco querem ter, aliás. Parece-lhes bastar a aventura, ao menos enquanto os efeitos psicodélicos durarem.

Justamente por essa fuga do sonho americano, por essa aceitação do papel de desajustados, tal obra fez tanto sucesso entre uma geração que se via da mesma forma. Até mesmo nos dias de hoje, quantos não se veem tragados por um ideal de sucesso que não almejam, sem ver escapatória? Kerouac se viu tragado por esse ideal, mas encontrou uma saída. Desbravou um território que fazia tantas promessas aos seus habitantes, mas, ao mesmo tempo, lhes era tão hostil.

No plano da aventura, diversos jovens saíram em jornadas parecidas ao longo dos anos. As buscas (ou fugas) poderiam ser mais ou menos idênticas para todos eles, mas os achados foram únicos para cada um: não importa o itinerário trilhado, cada um só pode encontrar aquilo que deve encontrar. Já no plano literário, outros autores certamente tentaram seguir o roteiro inaugurado por esse livro, mas dificilmente obteriam o êxito alcançado por

ele – pois a obra original se espalha por outros dois romances, um pouco menos conhecidos, mas que levam à conclusão melancólica de uma jornada que já nasce tendo a melancolia nas sombras.

Com efeito, a continuação lógica de *On the road* é *Os Vagabundos Iluminados* (The Dharma Bums), publicado em 1958, isto é, um ano após a aventura inicial - e, assim como ela, acompanhamos uma aventura semi-biográfica que narra uma série de viagens e situações pelos EUA. Também aqui testemunhamos as andanças do protagonista, pedindo carona e cruzando o país em busca de algo. O objetivo, no entanto, em vez de ser diversão pura e simples, com festas, bebidas e drogas (como ocorreu no livro anterior), é a iluminação (embora também aqui abundem festas, bebidas e drogas).

O alter ego do autor percorre o país refletindo sobre o budismo e buscando a paz espiritual. Em uma de suas andanças, faz amizade com um poeta e tradutor zen budista, o qual o acolhe e instruí. Tanto um quanto o outro são indivíduos que intercalam seus dias entre orgias, bebedeiras e momentos de reflexão profunda sobre a vida, além de frequente meditação.

Assim como o anterior, este é um livro rico e sua riqueza está na fluidez e (aparente) simplicidade: aqui não há vilões, conflitos ou antagonistas, apenas a vida de alguns indivíduos que seguem com suas jornadas e sonhos. Com efeito, nada de épico acontece nesse enredo. Os personagens percorrem o país, fazem escaladas pelas montanhas, participam de festas e continuam

seguindo viagem até uma inevitável separação. Após isso, cada qual continua com sua jornada e a obra se encerra com o emprego temporário do protagonista, que trabalhará durante o verão como guarda-florestal, o que lhe permitirá juntar dinheiro para novas viagens.

De igual modo, assim como em *On the road*, aqui também está presente a chave do desajuste: os indivíduos que seguem a vida de andarilhos só a seguem porque são inadaptados e não conseguem ter uma existência como as pessoas “comuns”. Isso não é bom nem ruim, apenas é. Há momentos em que os personagens questionam as famílias tradicionais dos EUA, nas quais todos os membros pensam as mesmas coisas e sempre estão voltados para a televisão (o centro de sua casa e vida doméstica). Criticam o conformismo e a ausência de sentido de uma vida dessas, bem como a falta de diálogo entre os familiares. Quando o protagonista visita sua mãe e irmã, por exemplo, temos a ilustração mais clara dessa vida vazia: todos estão preocupados com as aparências e com as tradições, sem questionar o *status quo* e todos os protocolos impostos. Trabalham apenas porque devem e, no tempo livre, gastam o dinheiro adquirido com coisas supérfluas e em passeios inúteis: ninguém se atreve a viver uma vida genuína, fazendo aquilo que der vontade.

Nos momentos seguintes da narrativa, contudo, vemos a melancolia dos “vagabundos do Dharma”: eles se sentem tristes, usam drogas e se embebedam para esconder essa dor, mas a

verdade é que nada, nem ninguém, pode preencher o vazio de suas vidas. Só cabe a eles sentir essa dor e esperar que ela passe, abrindo espaço para uma nova euforia (que será seguida por nova angústia). São em momentos assim que vemos a humanidade das personagens. Eles não são seres superiores, além do bem, do mal e do sofrimento: apenas têm uma vida alternativa, mas continuam vítimas das misérias e angústias. Podem ser diferentes dos demais, mas, ainda assim, estão sujeitos ao sofrimento.

No fim, ainda que defendam suas vidas como sendo mais genuínas e livres que as da classe média, que ficam presas às fachadas, vemos que todos eles estão condenados ao mais absoluto vazio. A grande questão (nesta obra e no mundo real) é o que fazemos para tentar preenchê-lo, posto que ignorá-lo nem sempre é a melhor saída. Alguns, para não sentirem o vazio, tentam preenchê-lo com falsos absolutos, embora nunca extingam a grande falta que lhes aflige. Um dos absolutos que costuma ser buscado é a fama ou a riqueza - e nisso somos levados ao terceiro livro desta trilogia involuntária.

Com efeito, muitas pessoas sonham com a fama e tentam de tudo para obtê-la. Poucos, todavia, pensam no que acontece após ela: nem sempre a vida se torna um mar de rosas. Foi isso que Jack Kerouac percebeu e narrou em sua obra *Big Sur*, publicada em 1962 (e que demandará um resumo mais convencional da narrativa, posto que é uma obra menos conhecida).

Após publicar *On the road*, o autor ganhou grande notoriedade, tornando-se uma espécie de celebridade: deu entrevistas televisivas e sua obra virou um best-seller. Além disso, passou a ser constantemente assediado por fãs, que queriam acompanhá-lo em suas tradicionais bebedeiras e jornadas pelos EUA. Acontece que Kerouac não reagiu bem a essa atenção toda: ele queria que seus livros fossem publicados, queria ganhar dinheiro com eles e queria ser relativamente conhecido e respeitado, mas jamais pensou que teria de abdicar de sua privacidade e liberdade em troca disso. Só que, por conta da fama, não podia ficar em casa sem que lhe telefonassem ou aparecessem para visitá-lo. E, quando saía, sempre era reconhecido, o que acabava impedindo que tivesse simples momentos de diversão, tendo, em vez disso, de dar autógrafos e contar causos. É sobre isso que fala *Big Sur*, bem como sobre a derrocada de Kerouac.

Na obra, descobrimos o quão frustrado o protagonista está com sua fama. Além da frustração, vemos que está com problemas cada vez piores por conta do alcoolismo. Diante disso, aceita, de bom grado, o convite para passar, sozinho, algumas semanas num sítio distante de um amigo. Assim sendo, arruma sua mochila e parte para a viagem. Dessa vez, contudo, vemos que está cansado das jornadas pelo país. Está exausto, não tem mais o vigor de sua juventude (a andança foi feita quando ele já tinha cerca de quarenta anos) e fica aborrecido com a estrada.

Quando chega à cidade na qual encontraria o amigo que lhe daria uma carona até o sítio, é recebido por vários camaradas, com os quais se junta e passa a se embriagar e a visitar diversas festas. Só vários dias depois é que parte para seu destino. Na cabana em que começa a habitar, vemos que o protagonista encontra a paz. Está tranquilo, leva uma vida pacata em meio à natureza, com suas reflexões religiosas e simplicidade. Algum tempo depois, contudo, cansa-se da rotina e volta para a cidade grande. Logo que retorna, arrepende-se da decisão e percebe o quanto a vida bucólica era melhor para seu estado de ânimo. Mas, já que está na cidade grande, decide visitar alguns amigos. Começa, então, uma nova temporada de festas, bebedeiras e corridas pelas ruas dos EUA. São visitados os antigos companheiros que apareceram nos livros anteriores e outros que ele conheceu ao longo dos anos.

Após as festas, o protagonista decide, então, voltar ao sítio em que passou semanas tão agradáveis – desta vez, acompanhado de seus amigos. Chegando lá, percebe que cometeu outro erro: não seria a mesma coisa de antes, pois agora não havia mais a paz e o sossego da vida solitária. Isso, todavia, não o impede de aproveitar novas bebedeiras e as festas que seus amigos fazem na cabana. Quando voltam à cidade, novamente Kerouac sente-se angustiado, pois não tem mais energia para a vida citadina. Participa de mais algumas festas e bebedeiras e acaba se envolvendo com uma mulher (por quem não está apaixonado). Cada vez se sentindo mais fraco por conta do alcoolismo (e, provavelmente,

depressão), decide ir mais uma vez para o sítio, para se recuperar. Convida, então, sua nova namorada e um casal de amigos para compartilharem a viagem.

Nessa estadia, contudo, as coisas saem do controle: o protagonista tem um surto psicótico, acha que querem matá-lo e passa a fazer diversas sandices (numerosas demais para descrevê-las). Não bastasse isso, faz com que todos se abalem, sobretudo sua namorada – que tenta matar o próprio filho e pretende cometer suicídio. Após uma noite insone, repleta de alucinações e terrores, o autor percebe o quão doente está. Reflete sobre o futuro e afirma que tudo ficará bem no final, que tudo voltará a ser como antes. Deseja, além disso, voltar para casa logo, na esperança de que a vida fique boa uma vez mais. Não percebe, no entanto, o quanto essa esperança é uma ilusão: tão logo chegue em casa, a mesma angústia o acompanhará, já que faz parte dele. A chave do desajuste sempre esteve presente para o autor (e sua geração), mas, no começo, havia a força da juventude e as alegrias da aventura. Com o tempo, conforme os ânimos foram se esvaindo, só sobrou o desajuste, condenando o protagonista ao vício e ao desespero.

Nisso, há o fechamento de uma trilogia que tem como mote as viagens pelo país: na primeira parte, há a grande jornada repleta de aventuras, cheia de alegria. A seguir, damos conta da melancolia (que já estava presente no primeiro romance) e vemos a tentativa de resistir a ela com a espiritualidade. Em *Big Sur*, por sua vez, há o declínio: as aventuras não atraem mais, a espiritualidade

perdeu a força, só sobrando a tristeza. A vida frenética cobrou seu preço – e talvez tenha sido alto demais.

A explicação, contudo, não deve ser buscada apenas na vida frenética, mas na melancolia que persegue os proscritos pela sociedade. Ao indivíduo moderno cabe a revolta impotente ou a impotência passiva - e os beatniks e outros movimentos de contracultura são apenas um exemplo que poderia ser trazido. O cenário se assemelha àquele pintado por Marcuse em *O Homem Unidimensional*, no qual os espaços para a Grande Recusa, embora existentes, vão sendo minados e diminuídos com o passar dos anos.

Qualquer alternativa e qualquer fuga são sempre o respiro de um indivíduo ou de um pequeno grupo que tentam se afastar de uma realidade sufocante. O problema é que tal realidade não é negada e combatida em sua estrutura, sempre retornando em novas esquinas. Os que fogem estão tentando subir por uma escada rolante que está descendo em um shopping center lotado. Ficar parado significa voltar aos grillhões que suscitaram a fuga. Continuar subindo, por outro lado, só garante que não sejamos agrilhoados naquele instante, mas não permite que o outro patamar seja alcançado: cedo ou tarde chegará a exaustão e caberá ao indivíduo naufragar na situação que antes o afligia - dessa vez, alquebrado e sem energias para nova fuga.

Aquilo que se constituiria como um pesadelo e que, justamente por isso, não é sequer cogitado por quem empreende

uma fuga é que mesmo a promessa é vã: ainda que se creia que seja possível terminar o lance e subir pela escada rolante que está descendo, o que vem depois? Saber que o indivíduo continua preso no mesmo shopping center, mas em outro andar. A fuga é infrutífera desde seu começo, mas ao menos fornece alguma esperança em seu início, quando não se está exausto nem se sabe que mesmo o êxito é um fracasso, pois não liberta da situação vigente.

Qualquer Grande Recusa, na realidade moderna, é recusar-se a perceber a impotência da recusa. Num tal cenário, nada sobra além da jornada. Pode ser louca, desesperada, ou infrutífera, mas ainda traz, em seu bojo, um potencial de beleza. É só por esta beleza, com a alegria em germe, que é permitido resistir um pouco a uma realidade que, objetivamente, é sufocante. É na insanidade que encontramos alguma voz da razão, e tal razão, destituída de qualquer elemento instrumental, mostra que a recusa é infrutífera. Ao entendermos que não dá para ter uma recusa e, ainda assim, recusarmos, só nos sobrar a jornada, ineficiente em si, mas ainda assim a única possibilidade para aqueles que são desajustados o bastante para jamais se encaixarem na sociedade e realistas o bastante para perceberem que não há a chance de se concretizar a recusa.

EDUARDO CANESIN é sociólogo e escritor. E-mail: eduardocanesin@yahoo.com.br. Partes deste ensaio foram publicadas, ao longo dos anos, no blog pessoal do autor. Fica aqui registrado o sincero agradecimento a todos aqueles que leram os excertos e às contribuições e reflexões trazidas.